

Vencimentos privados pressionam o dólar

Josette Goulart
de São Paulo

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) comprou ontem US\$ 300 milhões, segundo fontes do mercado, para honrar o pagamento de seus bônus que vencem no mercado internacional no próximo dia 2 de agosto. A empresa não quis comentar o assunto, mas o fato é que em um mercado sem dólares, a operação ajudou a puxar a cotação da moeda norte-americana que disparou ontem e fechou a R\$ 3,185 por um dólar. O diretor de um importante banco estrangeiro diz que este é só um exemplo da pressão que o vencimento da dívida externa privada brasileira pode ainda provocar na cotação do real nos próximos meses.

Com um risco Brasil nas alturas, que já ultrapassou os 2.100 pontos-base, segundo o índice Embi+ do JP Morgan, as empresas não conseguem rolar seus vencimentos externos, pois não há mais linhas para o Brasil, sejam de bancos ou de investidores. Em julho, venceram cerca de US\$ 2 bilhões em títulos privados e apenas 20% desse total foi renovado. Em agosto, vencem US\$ 1,215 bilhão, de acordo com dados da Associação Nacional dos Bancos de Investimentos (Anbid) e a próxima concentração acontece em outubro, quando terão que ser honrados US\$ 1,475 bilhão em bônus.

O primeiro grande pagamento de agosto será justamente o da CSN. Segundo os dados da Anbid,

a empresa terá que remeter US\$ 350 milhões. Ainda no próximo mês vencem US\$ 150 milhões da Aracruz, US\$ 50 milhões da Nordeste, US\$ 140 milhões da Gerdau e US\$ 20 milhões da Abril. E até agora nenhuma destas empresas conseguiu dólares por meio de novos financiamentos. Há ainda um vencimento de uma opção de resgate de um bônus da Klabin, que pode chegar a US\$ 70 milhões. A empresa vinha tentando fechar um empréstimo consorciado, mas o negócio foi adiado pelos bancos e não há mais expectativa de que os recursos sejam liberados até a data do vencimento, dia 12 de agosto.

Além desses, vencem US\$ 315 milhões em títulos bancários e outros US\$ 120 milhões da Eletropaulo Metropolitana, que podem entrar no pacote de renegociação de dívida da empresa, que não tem recursos para pagar toda sua dívida que vence em agosto, de US\$ 400 milhões. Quando o risco Brasil ainda era de 800 pontos-base, em abril, a empresa cancelou uma emissão porque não havia compradores para seu papel no exterior. Naquela época só começava o problema da WorldCom, que culminou com a concordata da empresa na semana passada e ajudou a abalar ainda mais a confiança dos investidores. O estresse internacional aliado às indecisões das eleições no Brasil fizeram o mercado ficar muito nervoso. Agora, a expectativa está em um acordo com o Fundo Monetário Internacional.